

Lu Mingfei olhou para ele com desdém: — Você só quer mesmo é comer e beber de graça, né? Claro que vou levar a Shijie [senhora mestra]. Ao ouvir a resposta cruel desse playboy privilegiado, Finagle caiu da cama num misto de choro e desespero, agarrando-se à perna de Lu Mingfei num piscar de olhos. — Shidi [jovem discípulo]! Você abandona o irmão por uma mulher? Olha o ditado: 'Amigos são como membros, mulheres são como roupas!' Faz um ano que não como nada decente... — Tá bom, tá bom, levo você — Lu Mingfei cobriu o rosto, resignado. — Solta, preciso fazer uma ligação lá embaixo. — Sim, meu nobre! O senhor manda e eu obedeco! — Finagle soltou a perna dele com um sorriso maroto. O Bugatti Veyron que Lu Mingfei ganhou de César estava estacionado lá fora. Apoiado na lataria prateada, ele pegou o Nokia N96 e digitou uma mensagem: "Vai comigo ao baile de recepção amanhã à noite?" Enquanto esperava a resposta, Lu Mingfei chupava balas de hortelã, olhando distraidamente as garotas de minissaia que passavam. Quando a terceira bala já quase derretia na língua, o celular vibrou. "Claro. E se arrume direito, hein?" Assobiando satisfeito, ele voltou para o dormitório com as mãos nos bolsos. [...] O Salão Âmbar brilhava sob as luzes da noite. Pelas janelas imensas, viam-se lustres de cristal e paredes de granito indiano. A construção gótica, com telhado vermelho e estátuas de anjos esculpidas sob os arcos, parecia saída de um conto de fadas. Na entrada, carros de luxo e mulheres deslumbrantes se misturavam. Homens de terno Armani ou Zegna, relógios Montblanc no pulso; mulheres em vestidos caríssimos, joias cintilantes. — Comparado com nossos trajes alugados, acho que o César quer esfregar dinheiro na nossa cara — Finagle ajustou a câmera Sony no peito. — Do tipo: "Ou vem comigo ou lambe meus sapatos!" — Se for pra ganhar em dólar, até limpo o sapato — Lu Mingfei coçou a cabeça. — Só espero que ele não tenha chulé. — Seu padrão é baixo que dói! — Finagle suspirou. — E aí, vamos? Se esconder no mato é coisa de covarde. Além do mais, os mosquitos aqui estão famintos! — Foi você que me puxou pra cá! — retrucou Lu Mingfei. — E você falando em limites baixos? Lamberia os sapatos do César sem pensar duas vezes. — Shidi [jovem discípulo], isso se chama estratégia! — Finagle bateu no peito, heróico. — Como diz o ditado chinês: "Primeiro as meias, depois os sapatos; primeiro vassalo, depois rei!" — Isso é pra se orgulhar? — Lu Mingfei fechou os olhos, desanimado. — Estão ensaiando uma peça? — uma voz gracejou atrás deles. Ao se virarem, viram Chen Motuo — ou "Nonô" — ali, impecável. Vestido vermelho e joias de diamante, cabelos presos por um pente de prata, saltos altos. — Você não devia estar lá dentro? — Finagle pestanejou. — Peguei o atalho. Não sou como vocês, ensaiando teatro no mato — ela revirou os olhos. — E não aguento conversinha fiada. Só vim porque ele tá aqui — apontou para Lu Mingfei. — Se o César aparecer, aí fica divertido. — Shidi, você é monstro! Domar a bruxa exige talento! — Finagle bateu no ombro dele, admirado. Ignorando-o, Nonô agarrou Lu Mingfei pelo pulso e arrastou-o para a entrada do salão. — E eu? — Finagle ergueu a mão, como um aluno querendo permissão. — Se não conseguir entrar, problema seu — ela nem olhou para trás. Os membros da ala estudantil, ao verem o lendário "Classe S" Lu Mingfei — o mesmo que derrotou dois líderes no Dia da Liberdade —, formaram alas e aplaudiram. Finagle seguiu atrás, envergonhado. Puxado por aquela mão suave, Lu Mingfei divagava: "Será que a heroína Mu Guiying agarrou Yang Zongbao assim antes de levá-lo para seu covil?" Então, um aplauso cortante se destacou entre os outros. No topo da escadaria, César, de terno branco e cabelos dourados, estendia os braços em sinal de boas-vindas. Lu Mingfei hesitou. "Ele quer um abraço?" Protegendo o peito, recuou: — Chefe, quer meu corpinho é? Lu Mingfei pensou consigo mesmo: "Não pode ser, né? O cara parece tão normal, com um rosto firme como um daqueles ditadores famosos da Roma Antiga... Mas agora que lembra, acho que até aquele ditador tinha seus probleminhas, segundo um livrinho de história pirata que leu. Dizem que ele gostava daquele jovem político Brutus, que no fim acabou matando ele?" — Meu Deus, até que ponto os italianos têm a moral distorcida! — pensou, aliviado por seus próprios gostos serem normais, já que gostava da pequena bruxinha Chen Monuo. A cabeça de Lu Mingfei virou um turbilhão. Será que nessa vida o líder da turma tinha virado gay? Ou será que tanto tempo fingindo ser "o pôr do sol" com Lu Mingze acabou deixando ele com um ar afeminado? Ele começou a se bater, tentando livrar-se desse suposto ar feminino invisível. O sorriso leve de César congelou no rosto. — O que você tá pensando? — Chen Monuo perguntou, exasperada. — É tradição italiana, o beijo no rosto. — Ah, ah! — Lu Mingfei se

aproximou e abraçou César. César sorriu satisfeito, envolvendo seus ombros com leveza e trocando com ele um beijo no rosto que, mesmo com um possível mau hálito, era extremamente elegante. — Chegou bem na hora — comentou César, olhando para seu relógio Patek Philippe. — Quando heróis marcam encontro, eu não teria coragem de atrasar — respondeu Lu Mingfei, coçando a cabeça. — "Heróis" é uma ótima metáfora. Afinal, somos os mais extraordinários híbridos desta academia! — César começou mais um de seus discursos cheios de empolgação juvenil. Lu Mingfei sentiu vergonha alheia. — "Pelo amor de Deus, líder, não começa com essas crises de adolescência tardia de novo!" — Vamos entrar — César virou-se e abriu as portas imponentes do Salão Âmbar. Lu Mingfei caminhou ao seu lado, seguido de perto por Fenrir e Chen Monuo. [Capítulo 28 - Cena 27: Estrelas e Flores (Parte 2)] Assim que entraram, Fenrir rapidamente calculou o número de pessoas no salão, enquanto Lu Mingfei contou as lagostas. A conclusão foi óbvia: era um evento social focado em comida. O generoso anfitrião, César, providenciara uma lagosta australiana para cada convidado. Os crustáceos vermelhos repousavam sobre o gelo, com os dorsos abertos, exibindo sua carne branca e brilhante. Fenrir e Lu Mingfei atacaram os pratos com garfos e facas, devorando tudo como tigres famintos. Chen Monuo, sentada ao lado, observava Lu Mingfei comer enquanto cutucava a carne da lagosta com o garfo. De repente, perguntou: — Por que César não brigou com você? Lu Mingfei engoliu o que tinha na boca e respondeu: — Talvez seja o respeito que ele tem por quem é forte. Mas quem sabe o que se passa na cabeça de um adolescente tardio? — Adolescente tardio? — Chen Monuo deu uma risadinha. — Boa definição. Combina mesmo. O toque de uma campainha cortou o ar do salão. De repente, os convidados pararam de conversar, as luzes se acenderam e o ambiente ficou em silêncio. Todos se afastaram para os cantos, preparando-se para o baile. Lu Mingfei levantou-se, ajustou a gravata do smoking e estendeu a mão para a garota à sua frente, fazendo um convite formal para dançar. — Monuo, que tal uma dança? Você está linda hoje. — Claro — respondeu ela, sorrindo como uma flor que desabrocha. — Mas quero ser a mais deslumbrante. — Então vamos arrasar. Ela pegou a mão de Lu Mingfei e começou a girar, dando início a uma dança espetacular. Chen Monuo era ágil como uma borboleta de cauda vermelha. Seus sapatos Mary Jane brilhavam sobre o mármore, refletindo a luz. Lu Mingfei lembrou-se dos sapatos de cristal da Cinderela. Eles dançavam com uma liberdade e sincronia que pareciam fruto de anos de prática. A barra do vestido voava, revelando pernas elegantes que capturavam a luz. O som do violino ecoava pelo salão, e Lu Mingfei teve a certeza de que era o tango mais perfeito que já dançara — nem mesmo aquele com Zero se comparava. Ele conseguia sentir o calor da respiração dela, misturado ao perfume suave. Com a mão esquerda segurando a de Monuo e a direita apoiada em sua cintura, Lu Mingfei deixou a mente divagar. As mãos dela eram finas e macias, difíceis de soltar. Ele lembrou-se dos romances de cavalaria, onde as mãos das heroínas eram descritas com dezenas de adjetivos. Se fosse um desses livros, o jovem cavaleiro Lu Mingfei, ao tocar a mão da guerreira "Mu Guiying dos Cabelos Vermelhos", teria páginas e páginas dedicadas a descrever o momento e suas reviravoltas emocionais... — "Por Una Cabeza", ou "A Um Passo da Vitória", obra do rei do tango argentino, Carlos Gardel. Já assistiu a "Perfume de Mulher"? — Chen Monuo perguntou. Lu Mingfei acenou com a cabeça. Graças a Chen Wenwen, o clube de literatura às vezes organizava sessões de filmes clássicos. Nesse momento, ele sentiu-se profundamente grato a ela. — Essa música toca no filme. É uma melodia nobre, que desafia tudo — Chen Monuo fitou os olhos dele e, de repente, soltou aquele sorriso de bruxinha. — Por isso temos que ser os mais deslumbrantes! — Quando a música terminar, vou girar 3600 graus. Me segure! — A postura dela mudou bruscamente, como uma rainha dando uma ordem. Sem hesitar, Lu Mingfei obedeceu. Enquanto os outros casais paravam, Chen Monuo continuou. Com os dedos pressionando a palma da mão dele, ela girou sob as luzes, seu vestido vermelho se abrindo como as penas de um pavão. A cada volta, seus olhos encontravam os de Lu Mingfei. Por um instante, toda a luz do salão parecia concentrar-se nela. Nem a morte do cisne de Tchaikovsky ou o canto da deusa das montanhas poderiam descrever a cena com justiça. Lu Mingfei esticou o braço e segurou firme a mão dela. No último instante da música, Chen Monuo completou sua performance perfeita, e Lu Mingfei puxou-a de volta com precisão absoluta. A sincronia era tão natural que parecia ter sido planejada por anos. Ele sabia que estava usando a expressão errada,

mas não queria corrigir. A barra do vestido vermelho desceu como as cinzas de um fogo de artifício. Chen Monuo olhou para ele com um brilho nos olhos e deu um tapinha em sua cabeça. — Você dança bem. Um aplauso solitário e claro ecoou no salão. Era César batendo palmas, e logo todos seguiram seu exemplo. As palmas se transformaram num ruído ensurdecedor, como uma tempestade, e no meio daquela tormenta, a bruxa vermelha parecia mais orgulhosa do que nunca. As garotas de vestido branco eram todas belíssimas, mas nenhuma conseguia ofuscar a presença imponente dela. De volta à mesa, Finguer continuava devorando a comida. — Faz tempo que não danço! — falou ele, com a boca cheia. — Quando entrei na faculdade, eu era o rei da pista! — Você dança bem, mano, mas ainda falta um pouco pra chegar no meu nível — Finguer se gabou. — Ah, para com isso, rei da pista. Tá ouvindo o corvo grasnando lá no céu? — Lu Ming Fei revirou os olhos. — A dança acabou. Agora, o presidente da União Estudantil, César, vai fazer seu discurso! — anunciou o vice-presidente Carlen, batendo no microfone na varanda do segundo andar. Os comentários sobre Lu Ming Fei se dissiparam. Por mais impressionante que o novato de nível S fosse, César continuava sendo a estrela indiscutível daquela faculdade. César entregou sua taça a um dos garçons e subiu até o segundo andar, pegando o microfone. Varreu o salão com os olhos, como um imperador inspecionando seu exército. — No meu primeiro dia aqui, fiquei muito decepcionado — ele fez uma pausa dramática. — Porque tinha gente demais! Os verdadeiros elites nunca são a maioria! Mas, de repente, César sorriu, um sorriso caloroso. — Agradeço a presença de todos. Porque cada convidado aqui, seja do campus da montanha ou do vale, é um elite. — Ele ergueu um dedo. — E os convidados da família Cátulo só podem ser os melhores! — Lu Ming Fei — a voz de César ecoou de cima. Lu Ming Fei olhou para cima e viu César estendendo a mão em sua direção. — Venha aqui. Você merece estar ao meu lado. Lu Ming Fei se levantou, subiu as escadas em espiral e ficou ao lado de César. — Excelente! A União Estudantil ganhou mais um entre os melhores dos melhores! — César jogou o braço sobre os ombros de Lu Ming Fei, falando em um tom que beirava o ridículo. Lu Ming Fei só queria enfiar a cara na terra de tanta vergonha. César segurou nele por mais alguns momentos, fez mais alguns comentários e então liberou os convidados para curtirem a festa. Lu Ming Fei desceu as escadas e voltou para a mesa, pronto para comer alguma coisa. — Que tédio. Agora vem aquela parte chata em que todo mundo fica se exibindo — murmurou Nono, que estava atrás dele. Ele se virou e a viu encostada em uma coluna, com os braços cruzados. — Vamos dar um rolê? — Lu Ming Fei levantou as sobancelhas para ela. — Tá bom, vamos. Pra onde? — Nono pareceu genuinamente interessada. — Lá pra cima, no topo. Chegando na saída dos fundos do Salão Âmbar, Lu Ming Fei estacionou o Bugatti Veyron ali. O carro prateado brilhava sob as luzes da rua, e quando ele ligou o motor remotamente, os faróis piscaram e o ronco pesado do motor soou como um rugido de dragão. — Você dirige. Tô cansada de dançar — Nono pegou o controle remoto das mãos dele, abriu a capota do carro, tirou os saltos e pulou para dentro, sentando no banco do passageiro. — Putz, mas você tá a fim mesmo, hein? — Lu Ming Fei coçou a cabeça. — Por que parece que você conhece esse carro melhor que eu? — É o básico quando se é filha de rica. Lu Ming Fei entrou no carro, pegou o volante e respirou fundo, olhando para o céu em silêncio por um momento. — Tá fazendo o quê? — Nono perguntou, preguiçosa. — Pensando se devo dirigir rápido ou devagar... — Ele pisou fundo no acelerador. Com um grito de desespero dele, os pneus queimaram borracha e o Bugatti disparou como um cavalo desembestado. Nono riu à toa, tirando o prendedor de cabelo prateado da boca e soltando os longos fios. — Melhor ir devagar mesmo... O Bugatti saiu do campus e entrou na estrada, a brisa da montanha batendo em seus rostos. A rodovia serpenteava pelas montanhas, e ao longe, os bosques de pinheiros se espalhavam em camadas, balançando ao vento como ondas negras. — Esse campus é chamado de "campus da montanha", mas não fica no topo. Fica na encosta. Lá embaixo tem a estação de trem e o campus do vale — Nono explicou. — Você costuma ir lá pra cima? — Sim. — Duvido. Então me diz o que tem lá em cima. — Ela olhou para ele, desconfiada. — Estrelas. — Aí sim! Gente do meu nível! — Nono bagunçou o cabelo dele, rindo.